

SITUAÇÃO: Você leu, recentemente, a obra *O menino que colecionava lugares*, de Jader Janer e Rodir Núñez, não é mesmo?

Nessa obra, como você sabe, o menino gostava de passear – pelas ruas, pela praia..., porque tinha pedaços de lugares colados aos pés. Mas, embora se divertisse muito, o menino voltava sempre receoso. Tinha medo de quê?



De esquecer dos lugares, das coisas, das cores que conhecia durante os percursos. No entanto, uma ideia brilhante veio à tona: ele resolveu guardar as memórias numa lata de manteiga!

PRODUÇÃO DE TEXTO: Imagine que você seja esse menino, e então... que tal abrir a lata e tirar dali um episódio?

Escreva uma página de seu **DIÁRIO DE VIAGEM**. Não economize os detalhes, quer dizer, as cores, os cheiros, a paisagem, o frio ou o calor da estrada, a simpatia das pessoas que conheceu etc., etc., etc. Preocupe-se em escrever um texto criativo e original – para isso, tenha a certeza de quem ninguém pensaria naquilo que você esteja pensando – isso é ser original! Pense bem: não existem viagens iguais umas às outras! Há viagens que, simplesmente, nos surpreendem!

VOCÊ JÁ SABE...

O **Diário** emprega uma escrita pessoal. Não há uma estrutura fixa a ser utilizada, mas sim certa cronologia – os fatos são registrados, preferencialmente, na ordem em que aconteceram. O **Diário de Viagem**, diferentemente do que se pensa, não começa quando o viajante chega ao seu destino, e sim enquanto a viagem ainda está sendo organizada. Pequenas anotações, como escolha do destino, das companhias, da bagagem etc., podem fazer parte do **Diário de Viagem**.

Além do texto escrito, há quem anexe papéis ao **Diário de Viagem**, como bilhetes de passagem, fotos, guardanapos. Iniciada a viagem, datas e lugares são registrados, em ordem cronológica, e as mais diversas situações: encontros, desencontros, visitas, impressões, discussões, imprevistos, enfim, tudo aquilo que se viveu/experimentou é alvo do **Diário de Viagem**.

QUER LER UMA PÁGINA DO DIÁRIO DE VIAGEM?

Quinta-feira, 18 de novembro.

Meu Diário de Viagem,

Depois de muito pensar em qual cidade turística passaria as férias, ontem, finalmente, decidi: no quintal, na casa da árvore. Com 54 passos cheguei lá, nem sujou os tênis. Essa foi a primeira noite que dormimos juntinhos – o Chico, a Rosa e eu. Eles ainda são filhotinhos, desmamaram há poucos dias. Daqui da casa da árvore ouço a mãe-gata choramingar.

Se foi difícil decidir pela casa da árvore? Não. É verdade que Copacabana deve ser linda e que o Cristo Redentor parece que quer me abraçar – já ouvi dizer muitas coisas a respeito do Rio e Janeiro, mas já que o papai disse que as passagens aéreas estão caras...

No meio da noite, o Chico e a Rosa começaram a miar, sem parar – achei que fosse saudade da mãe-gata. Que nada! Descobri que havia dois ratinhos, bem bonitinhos, por aqui. Nunca pensei que gatos tinham medo de ratos! Taí uma coisa super importante que descobri na primeira noite dessa viagem que, tenho certeza, será inesquecível! Espantei os ratos, abracei o Chico e a Rosa, e então ficamos bem!

Agora o sol está bem em cima da árvore, dói os olhos se fico olhando. Quando olho reto pra frente, dá pra ver o viaduto, o consultório do dentista e a escola. Também estou mais perto dos passarinhos, das borboletas e do paraglider que, de vez em quando, pinta o céu. O viaduto parece um formigueiro assanhado. O consultório, não – é bem calmo, as pessoas chegam e vão embora devagar. A escola está mais ou menos tristonha, porque estamos de férias, e os pintores estão lá, pintando o muro – acho que isso incomoda os vizinhos, porque tintas têm cheiro forte. Tem gente que até espirra.

Amanhã escrevo mais um tantão de coisas sobre essa viagem, tá? Talvez, até amanhã, as mangas já estejam maduras. (Você já sabia que a árvore é uma mangueira, né?)

Tchau!